

# Sarney articula sucessão dos imortais

Desinteressado pela eleição de novembro, presidente luta pelo poder na Academia

MAGDA DE ALMEIDA

**FIM DE GOVERNO**  
RIO — As duas personalidades que convivem no presidente Sarney — a do político e a do escritor e poeta — tomaram rumos diferentes neste seu último ano de governo. Desgastado junto a um eleitorado que soma 80 milhões de votos, o político José Sarney prefere ficar longe das urnas e sequer vai apoiar um candidato à sua própria sucessão. O poeta José Sarney, no entanto, nunca esteve tão ativo em busca de votos e poder.

O escritor e poeta Sarney trava suas batalhas eleitorais na Academia Brasileira de Letras, um restrito colegiado de apenas 40 votos, que inclui o do próprio presidente, eleito imortal em 1980. Apesar do pequeno número de eleitores, não tem obtido resultados muito melhores que o do político Sarney nas urnas. Na semana passada, seu candidato à imortalidade, o escritor Antonio Olinto, foi derrotado pela escritora Nélida Piñon. O resultado deve se repetir no dia 24 de agosto, quando outro protegido de Sarney, o editor Álvaro Pacheco, tentará pela terceira vez ser eleito para uma vaga na ABL, disputando com o pensador católico Cândido Mendes de Almeida.

Reveses dessa natureza, no entanto, não costumam abalar o poeta Sarney, que hoje tem uma bancada fiel de nove votos na ABL (veja o quadro). Essa bancada conseguiu, por exemplo, convencer o presidente da Academia, Austregésilo de Athayde, a dar o nome de Presidente Sarney ao auditório do Centro Cultural que a ABL mantém no município de Campos. O mesmo grupo trabalha em silêncio para que Sarney possa um dia sentar na cadeira ocupada há mais de 20 anos pelo próprio Austregésilo, presidente vitalício da Academia.

Quando fundou a Academia Brasileira de Letras, em 1897, junto com Joaquim Nabuco, Machado de Assis não imaginara um feudo político, mas unicamente um espaço que pudesse contribuir para a evolução do panorama cultural brasileiro. A realidade exibe um caminho oposto. A Casa de Machado de



Assis passou com o tempo a colher de bom grado os ungidos do Poder, ou os próprios poderosos do momento. De Getúlio Vargas a Juscelino, poucos foram os que não disputaram seus assentos.

Para acomodar Getúlio Vargas, por exemplo, foi preciso alterar o regimento da ABL. Sem jamais ter escrito um único livro (exigência principal para alguém ser acadêmico) ou ter sido o que se poderia chamar um notável do saber, o ex-presidente acabou um imortal.

Menos sorte teve Juscelino Kubitschek, que, então cassado, não encorajou os acadêmicos a desafiarem a ira dos militares.

Nem só de literatos e sábios vive a Academia Brasileira de Letras. Há nelas ex-ministros, ex-governadores, generais, políticos de todos os matizes, diplomatas, alguns, coincidentemente escritores e notáveis, co-

mo Antônio Houaiss ou José Guilherme Mercurio.

As reações de alguns acadêmicos diante das pressões governistas também integram a história da Academia.

A eleição de Lauro Muller, ministro das Relações Exteriores do governo Venceslau Bras, detonou uma enorme crise na ABL.

Em protesto à candidatura de Muller o escritor José Veríssimo retirou-se da Casa de Machado de Assis. Mais recentemente, a vitória do general Aurélio Lyra Tavares, ex-ministro do Exército do governo Médici, e membro da junta que dirigiu o País após a doença de Costa e Silva, quase fez o falecido dicionarista Aurélio Buarque de Holanda renunciar à sua cadeira. Aurélio teve um sobrinho torturado nos porões do regime militar quando Lyra Tavares era o homem forte da Nação. Jamais o perdoou.

Não foi uma eventual dor-de-cotovelo (ele garante), mas uma genuína vontade de "denunciar" os processos e "arreglos" utilizados nas eleições para a Academia, que levou o escritor e teatrólogo Guilherme Figueiredo a escrever o polêmico livro *As Excelências ou Como Entrar para a Academia*, editado pela Civilização Brasileira e já esgotado. Derrotado numa eleição, em 1963, ele vingou-se revelando que as eleições na Academia são feitas sempre em função de compromissos e assédios. "Não precisa ser escritor, basta ser ilustre, um encanto de pessoa."

Situação semelhante viveu o escritor mineiro Geraldo França de Lima, que concorreu com o ministro Oscar Dias Corrêa para a Cadeira 28, vaga com a morte de Menotti del Picchia. O acadêmico Bernardo Elis (do grupo Sarney) prometeu a ele quatro votos. No dia da

eleição procurou-o pedindo os votos de volta. Não suportou a pressão do governo de Goiás (ele é goiano) que, por sua vez, estava sendo pressionado por Brasília. Agora, vai se candidatar novamente.

Já o editor Álvaro Pacheco é considerado um dos muitos mistérios que vez por outra rondam a Casa de Machado de Assis. Amigo íntimo de Sarney, já foi derrotado em duas eleições, apesar da pressão do bloco governista. Novamente o candidato tem chances de garantir a vaga. Ou, como raciocina um bem informado e atuante imortal não governista: "Ganhamos a Nélida e o Ari Suassuna (é candidato único na eleição do dia 3), em compensação, deixa-se o Pacheco ganhar. Fica tudo na base do elas por elas".

Aos 92 anos, o presidente da ABL mostra-se indiferente às lutas internas dentro de sua casa.

## Os acadêmicos do presidente-poeta

**Josué Montello** — Cadeira 29 — maranhense, 72 anos, atual embaixador do Brasil na Unesco. Um dos mais produtivos escritores brasileiros, escreve, em média, três romances por ano. É amigo íntimo do presidente da República, além de seu conterrâneo. Puxador de votos, sempre em favor do bloco governista. Quando no Rio, é acadêmico assíduo.

**Marcos Vinícios Vilaça** — 50 anos, o mais jovem acadêmico. Outro íntimo de Sarney. Sua biografia não inclui nenhum romance ou conto, mas livros técnicos, ensaios, coletânea de discursos. Foi ministro da Cultura de Sarney, que, grato pela fidelidade, nomeou-o ministro do Tribunal de Contas. Defende a presidência da Casa de Machado de Assis para Sarney. Frequenta pouco a Academia.

**Luiz Vianna Filho** — Já foi um governista mais atuante, mas devido à aproximação cada vez maior de seu arqui-adversário Antonio Carlos Magalhães, do Planalto, cultivava uma estratégica distância dos arreglos acadêmicos. Tem 81 anos, não frequenta a Academia, mas é fiel a Sarney.

**Jorge Amado** — dispensa apresentações. Defensor ardoroso de Sarney, grande cabo eleitoral do amigo, vota com o bloco governista. Jamais vai à Academia. Mora em Paris, ultimamente.

**José Cândido Carvalho** — 75 anos, romancista, seu maior sucesso foi *O Coronel e o Lobisomem*. Chefe da Delegacia Regional do Ministério da Cultura do Rio, é íntimo e agradecido amigo do Ministro José Aparecido e por cause seu voto vai para os candidatos de Sarney.

**Herberto Sales** — romancista baiano, 72 anos, um dos líderes do bloco governista. Raramente é visto na Academia, nem em dia da eleição. Grande amigo de Jorge Amado.

**Abgar Henault** — 76 anos, mineiro, ensaísta, a idade não impede de ser um atuante membro do grupo que apoia os candidatos de Sarney.

**Bernardo Elis** — 74 anos, romancista, goiano, ocupou cargos governamentais, Sarney tem nele um fiel aliado.

**Oscar Dias Corrêa** — Ministro da Justiça, recém-eleito para a Academia, que não frequenta.